

Malanje

Vie apreciei com alegria a poesia do Zeca, n' O GAIATO de 30/11/2002.

O Zeca é malanjino e entrou para a nossa Casa de Malanje quando criança. Um pouco doente tinha, habitualmente, um semblante triste. Sempre que nos passos do dia nos encontrávamos eu esforçava-me por fazê-lo sorrir. Caros os sorrisos do Zeca!

Padre Acílio arranjou-lhe um lugar no sanatório do Otão.

Com a saúde renasceu nele a esperança. A sua poesia é o sinal do seu reencontro: «Perdão é atitude / de quem está disposto / a dar de novo a mão / de quem acredita / na força do amor.»

Obrigado Zeca pelo teu sorriso... O maior presente neste Natal.

TODOS os gaiatos que cresceram em Malanje e hoje vivem em Portugal com suas famílias se têm preocupado com esta minha crise de saúde. Sinto-me fortemente comovido com todo o seu carinho — verdadeira vivência do espírito de família. Vivo na carne esta realidade e prova certa da veracidade da Doutrina de Pai Américo:

«Sendo o seu padrão a Família, a Obra da Rua, é uma Família para os que nunca a tiveram ou a perderam.»

Um dia, numa rua de Lisboa, encontrei um amigo e parámos felizes com o nosso encontro. Nisto uma jovem menina atravessa a rua gritando:

— Avô!, avô!

Abraça-me e beija-me.

Quando ela foi, o meu amigo num tom confidencial:

— O senhor Padre já foi casado?

— Não, respondi, é filha dum nosso gaiato a quem tratei como filho e ele a mim como pai. Ficou comovido. Não se tinha ainda apercebido desta profundidade maravilhosa.

Continua na página 4

ESTÁ nas ruas o anúncio de Natal, que durante anos não se viu nem ouviu. Os pais, minimamente responsáveis, estão descobrindo como esta geração, agora nos vinte e tantos anos, é uma geração falha de valores, que nem eles tiveram coragem de defender na intimidade dos seus lares.

Como em outros lados, a legenda de Festas Felizes, há em vista movimentar o comércio de mercadorias apropriadas, só uns poucos anúncios aparecem desejando Feliz Natal ao Povo moçambicano, mas sempre de cariz meramente comercial. Encarnando o Natal como a Boa Nova aos Pobres ou como resposta à renovação da face da terra, vemos um anúncio da Hidroeléctrica de Cahora de que vai fornecer, às populações a montante da Barragem, a água que lhes passa bem perto, mas não é acessível. O Povo de certas áreas está a sofrer a fome e não aparece vontade de acudir à sua aflição, e se alguma coisa é distribuída não passa do adiar o desejo de comer para o ano que vem. Mais reclame para quem dá do que proveito para quem recebe. Por um lado ou outro, um almoço bem confeccionado oferecido a crianças carentes ou a idosos, promovido pelas Associações de Senhoras da Comunidade Islâmica, merece destaque nos jornais.

A meu ver, porém, o maior presente de Natal, oferecido ao Povo moçambicano no decorrer das últimas semanas, é o julgamento que, passados dois anos sobre o assassinato do jornalista Carlos Cardoso, está a decorrer dentro da própria Cadeia, onde os suspeitos

MOÇAMBIQUE

Presente de Natal

estão presos, quase todos, a julgar pelo desenvolvimento das audiências.

A serena determinação do Juiz no esclarecer, amiudadamente a inquirição dos réus e os depoimentos das testemunhas; o desembrulhar de implicações complexas de segundas pessoas; as ameaças de morte e os subornos que se vão sucedendo durante o julgamento, tudo está sendo transmitido, em directo, pela rádio e pela televisão, de modo a dar ao Povo que pode acompanhar, a quase certeza de que a Justiça em Moçambique começou a funcionar. É também uma magistral lição do processo de apurar responsabilidades e da seriedade e serenidade do próprio Juiz que, alvo de ameaças de morte, não teme o poder autoproclamado daqueles cujo deus é o dinheiro e a impunidade um direito. Que Deus proteja de todos os malefícios aquele que heroicamente aceitou fazer valer a Justiça, para a verdadeira edificação do Estado de direito em Moçambique.

A insegurança alimentar devido às intempéries em grandes áreas do País; a paralisação da quase totalidade das indústrias produtivas ou transformadoras com a consequente inacção de centenas de milhares de trabalhadores, criou a insatisfação e o descrédito; a falta de segurança nas próprias casas e nas ruas das grandes cidades, onde os

assaltos à mão armada para extorquir dinheiro ou simplesmente levar o carro, já chegou a minha vez também, acontecem todos os dias, sem que a Polícia ponha cobro, ou por conviência ou tradicionalmente por alegada falta de meios, que a serem atendidos, só acumula prejuízo ao lesado, fazem de Moçambique o paraíso dos ladrões. Para amostra, sabemos que aquele rapaz da Massaca a quem apoiámos durante três anos na nossa Escola e custeámos mais dois na cidade e após meio ano como professor aqui, foi despachado como incompetente por absoluto desinteresse das aulas e foi o organizador do assalto à mão armada, quando a Irmã chegava com o dinheiro para os salários de mais de trezentas pessoas que então dependiam de nós, está agora a frequentar a Academia da Polícia. É incrível!

Por outro lado a prosperidade imobiliária de luxo, exuberante nas áreas mais aprazíveis da cidade, dão a medida do abandono do Povo à sua sorte.

Todo o trabalho, que noutra oportunidade irei explanar e que neste ano conseguimos levar a termo com os apoios dos Amigos de Portugal e Espanha é uma gota insignificante para um verdadeiro Natal de amor que o Povo merece.

Padre José Maria

Património dos Pobres

HÁ muito que O GAIATO não refere esta face das nossas dores. Ou melhor, das dores dos que não têm casa condigna para viver.

Uma leitora atenta do nosso Jornal perguntava-me se havíamos deixado de ajudar a Autoconstrução, ou de promover a edificação de casas para Pobres.



Quatro moradias, em dois blocos, levantadas pela Conferência Vicentina de Guilhufe.

O dia-a-dia tem-nos devorado o tempo todo, mas, sempre que uma necessidade urgente aparece, lá vamos dar uma rápida espreitadela para nos certificarmos, e damos a ajuda possível.

O fundo do Património está «roto». Nele não há dinheiro, mas a gente tira da Casa do Gaiato e reparte com os Pobres.

Assim, pagámos a telha a um parapléptico que se ia casar com uma moça, também ela em cadeira de rodas. Gente nova, que apesar da deficiência física, é bem capaz de uma aduetez afectiva e, mais ainda, de gerar filhos que os possam amparar ao longo da vida.

Era uma casa só de uma água, mas comprida e larga, abrangendo um espaço confortável, construída no fundo de um quintal. Foram mil e seiscentos euros.

Ajudámos uma senhora solteira a pagar parte da dívida de materiais: — mil e trezentos euros.

Um casal com três filhos e o pai com deficiência numa das mãos, abeiraram-se de nós. Fui ver. Era noite, mas a luz do carro, projectada sobre as aberturas das janelas, apesar da chuva, permitiu-me observar a amplidão e a segurança da casa, e, lá paguei, também a telha, menos os telhões que o empreiteiro se havia esquecido de mencionar. Foram também mil quatrocentos e trinta euros.

A Conferência Vicentina de Guilhufe, levantou quatro moradias em dois blocos. O Padre Carlos havia dado cinco mil euros. As moradias estão em osso, isto é: levantadas com tijolo e telhado. Mais nada. São precisos vinte mil euros para canalizações, electricidade, portas, janelas e loiças. Comprometi-me com dez mil. Aventurei-me. Espero que não me deixes mal.

Quanto te aqueceres no conforto da tua lareira, no teu lar, e te sentares à mesa com os teus, põe a mão na consciência e ouve a voz dos Pobres.

Olha que, se não formos nós, eles não têm ninguém.

Não posso voltar com a minha palavra atrás. São dez mil euros.

Os vicentinos ficaram de arranjar os outros dez mil. E vai-lhes doer, porque muita gente tem dinheiro para tudo: festas, foguetes, flores, perfumes, quinquilharias, etc.

Mas para os Pobres, nada.

Eles que se arranjam. Eu vi com os meus olhos, antros onde vivem três famílias e onde a miséria se desenvolve nos filhos.

Se não formos nós, não há ninguém.

Porque não me quero alongar, dar-te-ei notícias de outras casas levantadas e outras ajudas distribuídas nos próximos números.

Padre Acílio

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

JÁ NÃO HÁ POBRES EM PAÇO DE SOUSA!? — Dizem que já não há pobres em Paço de Sousa! Não é a primeira vez que esta boa nova corre pelas bocas do mundo, não só por estes lados, mas também por outras terras por esse País e por esse mundo fora. Que bom já não haver Pobres! Que bom já não serem precisas as Conferências Vicentinas. Que bom bastarem os serviços do Estado, ou um donativo casual para se resolverem os casos (supostamente esporádicos) de necessidade que forem surgindo. Afinal os seres humanos não são tão egoístas como dizem e o País não está tão mal como o pintam. Afinal parece que o primeiro Mandamento da Lei de Deus está finalmente a ser cumprido na Terra. Que bom se tudo isto fosse verdade! O problema é que não é. O problema é que ainda há Pobres em Paço de Sousa, em Irivo, na Foz, em Coimbra, em Bragança, em Vila Real de Santo António, em Paris, em Nova Iorque, e por esse mundo fora. O problema é que há dois mil anos, como agora, Cristo veio e continua a vir e a apelar aos homens e estes não O querem, ou não O conseguem ver e ouvir.

Uma das últimas vezes que Ele andou cá por estes lados de Paço de Sousa, sem que muitos dos nossos nobres concidadãos O conseguissem ver, foi quando uma adolescente órfã engravidou e ficou sem condições para continuar a viver como até então tinha vivido, na casa de um irmão casado, e que não a soube tratar como irmã. Embora sem perspectivas de condições materiais adequadas para dar um bom futuro ao seu filho, e com um pai da criança também adolescente como ela, sem maturidade e uma situação capaz para constituir família, a rapariga assumiu com amor o seu filho, mesmo sem ter tecto para ele. Desta vez, como tantas vezes ao longo das dezenas de anos em que existem as duas Conferências Vicentinas em Paço de Sousa (a feminina e a masculina), foi a sábia cooperação entre vicentinas e vicentinos que, discretamente, acudiu a este caso. Foi o vicentino que, na rectaguarda, descobriu o senhorio e empenhou a sua palavra para conseguir o aluguer de uma habitação condigna à rapariga, por vinte contos por mês (menos cinco que o valor do mercado) e foi a vicentina que ficou a lidar

directamente com ela, fazendo-lhe chegar a ajuda material e pessoal de que precisa, juntamente com a nota de que a ajuda material é e será sempre supletiva: suprirá só o que ela não conseguir ganhar para sustento do seu filho, com o esforço do seu trabalho.

Como recorda o Frei Bento Domingues na sua crónica dominical no *Público* de 22/12/02, desde o princípio dos tempos que Deus não desiste de nos lembrar a pergunta que fez a Caim: «Que fizestes do teu irmão?»

PARTILHA — Cheque de 175 euros «para os Pobres e quantos lhes minoram as carências», pela mão do assinante 39976, de Mosteirô.

Cheque de 60 euros da assinante 32925, da Guarda, «para os mais necessitados».

Da assinante 19722, de Lisboa, «uma pequena lembrança, de 75 euros, para O GAIATO e para os Pobres». Cinquenta euros do nosso Licínio, assinante 22165, que reside em Paris, aparece muitas vezes e, agora, não esquece o Natal dos Pobres: «É muito pouco, mas dado com carinho».

Assinante 14493, do Porto, «pequena ajuda de vinte euros para a vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, para o que for necessário».

Outra vez Porto, da assinante 28053, com quinze euros, senhora muito dedicada, já com 94 anos de vida!

Senhora aposentada, de Vila Nova de Famalicão, nossa leitora 14081, presente com uma carta rica d'amizade.

Euros da assinante 7769, do Porto, para despesas urgentes dos nossos Pobres.

Assinante 27044, de Alvide, põe assinatura em ordem e «o resto é para os Pobres da Conferência».

Maria da Luz, assinante 32762, presente com 100 euros, em acção de graças «por um doente que Deus nunca esquece, por este pobre pecador. Deus respeita-nos misericordiosamente. Nunca nos falta...»

Assinante 57002, presente com 200 euros, «pequena oferta referente aos meses de Agosto e Setembro para a vossa Conferência Vicentina». É gente amiga, da Senhora da Hora. A senhora «pede ao nosso Deus que alivie todos os que sofrem e se digne aceitar a nossa intenção».

Vem lá, agora, uma senhora de Oliveira de Azeméis, com o cheque habitual. «Apliquem-no onde for mais necessário. Deus vos ilumine».

Vinte euros pela mão duma senhora do Amial (Porto) que sublinha: «Gosto muito de ler o nosso Jornal e empresto a leitura dele a muita gente». Assinante 29565.

A.F., de Vila Nova de Gaia, assinante 1121, «deixa 300 euros para o mais necessário».

Assinante 9790, de Perosinho, «lembrando o Nascimento do Senhor, agradece uma oração por todos os irmãos sem mãe e sem amor».

Cristina, do Canadá, manda 100 dólares, «para os Pobres que mais precisam de ajuda».

S. Domingos — Montalegre, assinante 12594, entrega 25 euros «para os vossos Pobres. Pequeno contributo para as despesas de Natal a favor dos irmãos mais carenciados da vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Assinante 33337, de Aqualva — Cacém, com oferta amiga.

Por fim, cinquenta euros de uma Amiga residente no Lar de Santo António dos Capuchos — Penafiel, que em todo este tempo lembra sempre os Pobres de Paço de Sousa.

Deus lhes pague. Até sempre.

Américo e Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Dia 8 de Dezembro, dia da Mãe. Dia de aniversário do «Bolinhas», rapaz de grande dedicação ao Grupo Desportivo, com apenas 15 anos. Dia de jogo grande em nossa Casa. Mais parecia a final da Taça dos Clubes Campeões Europeus do que a Casa do Gaiato com o Sport Comércio e Salgueiros, em Infantis. Parecia uma final, não por causa da violência e dos nomes sonantes, não por causa da receita do jogo, não porque os «craques» tivessem sido aquisições a custar milhões, bem pelo contrário, mas, sim, pelo carinho com que estes atletas de palmo e meio, tratavam a bola e se respeitavam mutuamente. Cada vez dá mais prazer andar no meio destes pequenos-grandes atletas. Alguns, estão mesmo a começar, mas o interesse e a vontade de vencer é tanta que acabam por cativar, mesmo os mais indiferentes ao futebol juvenil. É o caso concreto, dos protagonistas da foto que hoje publicamos, como exemplo de muitos outros.

O Salgueiros fez neste dia o seu 91.º aniversário. Tinha, portanto, festa rija em sua casa, mesmo assim, arranjou tempo e gente de todas as idades, para em nossa Casa, fazer com que se sentisse o calor da alma Salgueirista. Gente simpática e compreensível!

Um jogo em que houve bons momentos de futebol de ambos os lados. No nosso entender, o empate, seria o mais justo. No entanto, a sorte ditou que o vencedor, fôssemos nós. O resultado não é o mais importante, muito embora, os atletas dentro do campo, tudo façam pela vitória. O que não deixa de ser bom sinal! Sinal de vida e alegria de viver, sinal de coragem e de vontade de um dia também vencer na vida quando já forem homens.

Os Iniciados receberam o Clube Desportivo de Cinfães. Um jogo que em princípio parecia ser fácil, tornou-se difícil, por culpa nossa. A falta de



As duas últimas entradas do nosso Grupo Desportivo. O da esquerda é neto, o da direita é filho. Fazem parte integrante da riqueza da nossa Obra.

humildade bateu à porta e entrou, o que nos afectou. Mesmo assim, apesar de termos sofrido um golo depois do intervalo, conseguimos ganhar com golos de Rogério, Abílio e um «golão», cá do meio da rua do «Teixugueira».

Os Seniores, foram visitados por um clube de Valongo, a quem ganharam e onde durante o jogo houve um pouco de tudo!... Bom futebol, mau e assim-assim. O árbitro não foi nosso, mas sabia o que fazia. Tanta saliva se gastou!...

Os melhores em campo: Nilton pela sua dedicação e entrega total ao jogo do princípio ao fim. «Taíinha», pelo trabalho que desenvolveu e pelo bonito golo que marcou. Luís Ângelo, «Bonga» e «Pião», uma actuação positiva. Para finalizar, é justo que se sublinhe o nosso primeiro golo. Fábio, o seu autor, com um toque subtil, a centro do «Pião», colocou a redondinha no fundo das malhas. Que classe!!!

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

ESTUDO — Este ano lectivo começou mais ou menos. Alguns estão confiantes nas notas. Outros, têm notas muito baixas. Esperamos que o ano lectivo continue melhor e que estudemos mais.

VISITAS — Temos tido muitas. As nossas portas estão sempre abertas para todos os que partilham da nossa amizade. A todos os Leitores d'O GAIATO agradecemos a ajuda que nos têm dado, assim como a todas as pessoas que contribuem para o nosso bem estar.

CAMPANHA DE ASSINATURAS — O nosso Padre João e o nosso Padre Carlos fi-

zeram uma campanha de assinaturas para O GAIATO. Foram à Covilhã, Castelo Branco, Fundão e Sertã. Correu tudo muito bem. Mas também é difícil e cansativo.

MAGUSTO — Foi em 10 de Novembro. Estiveram conosco pessoas nossas amigas de S. José e de Coimbra. Comemos muitas castanhas, bolos, e bebemos sumos. Foi um dia agradável e bem passado.

Hugo Vieira e Carlos Miguel

SETÚBAL

NATAL — Começámos a noite com a ceia. Comemos a comida tradicional desta noite, bolo-rei, sumos e as guloseimas de que todos nós gostamos. Ficamos depois ansiosos à espera das prendas, que nos deixaram satisfeitos. Seguiu-se a festa, em que alguns dos nossos rapazes representaram peças, disseram poemas e fizeram números humorísticos. Por fim participámos na Missa do Galo com que terminou este dia feliz.

FÉRIAS — As nossas estão a ser bem aproveitadas. Cada rapaz colabora na vida da nossa Casa, e nos tempos livres jogamos a bola, alguns passeiam de bikes e mais um montão de coisas. Outros empregaram algum tempo para estudar um pouco, para superarem algumas dificuldades.

VISITANTES — Temos recebido muitas pessoas amigas que nos têm trazido algumas prendas. Na casa três tivemos a surpresa de uma televisão nova, que deixou os rapazes muito contentes, pois a que tínhamos era muito pequena. Agora já podemos ver as imagens com melhores condições. Agradecemos às

pessoas amigas que nos têm dado as suas ofertas.

VITELAS — Mandámos três e um bezerro para a nossa Casa de Miranda do Corvo, para as criarem. No regresso, o Fernando, trouxe uns leitões assados pelos nossos de Miranda do Corvo, que saboreámos na nossa refeição.

Viver a vida

*O meu sentimento de viver
Transparece no meu olhar,
Ser forte é o meu lema, meu poder,
Embora sinta o coração a chorar;
Chorar amargamente ao pensar
Que neste mundo de ódio e miséria
Muito amor se podia dar,
E reparti-lo como se fosse pão;
Pão para saciar a fome,
Que por falta de caridade
Vivem os Pobres tão sós,
Quem precisa desse pão
Espera tanto de nós;
Como sinto vontade de fazer
De construir algo dentro de mim,
Que me dê força para saciar
A fome dos Pobres.*

Zeca

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

Porque não conseguimos contactar todos os sócios para informar dos trabalhos que temos vindo a realizar, mas pretendemos ser persistentes em alcançar os objectivos a que nos propusemos, servimo-nos desta crónica para dizer que estamos a última uma ordem de trabalhos, a ser apresentada ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, com o intuito de ser agendada uma Assembleia Geral Extraordinária.

Temos preparados o esboço dos Estatutos e do Regulamento Interno. Dois documentos de suma importância para a legalização da Associação, que se quer vocacionada para os sócios, e que se torna urgente que aconteça. Sem a sua aprovação será muito difícil o trabalho que pretendemos estabelecer.

Torna-se, assim, importantíssimo possuímos um ficheiro actualizado. — Como poderemos trabalhar para os Antigos Gaiatos sem sabermos onde estão, ou como contactá-los?

Temos, apenas, meia dúzia de sócios com morada e telefone conhecidos. Que achais e que quereis que a nossa Associação seja; como quereis que funcione; quais os objectivos que deve prosseguir? Uma Associação com Órgãos Sociais eleitos — apenas para organizar o Encontro anual de 16 de Julho?!

Ora, nós, Órgãos Sociais eleitos, estamos a envolver-nos

Correspondência dos Leitores

• «*Todos os Padres da Rua, colaboradores e aqueles que trabalham nessa Obra, podem contar com a nossa solidariedade total, contra a campanha difamatória que temos ouvido na Comunicação Social.*

Custa a acreditar! Estamos indignados. O Pai Américo interferirá, junto de Deus, perante as calúnias inventadas sobre a Obra que criou e que os senhores Padres continuam com tanto amor e dignidade. Coragem! Rezamos por vós.

Belchior»

• «*Escrevo para vos dar o meu apoio nesta hora difícil, dolorosa.*

E para vos dizer o quanto admiro a Obra da Rua.

Maus tratos? Qual o pai que, com muita dor, por vezes, não tem de dar um estalo num filho para o 'sacudir', para o 'fazer ver'?

Abusos sexuais? Qual a família onde o despertar sexual de todos os seus filhos se processa sempre da forma mais pacífica?

Escravidão? Todos sabemos que várias tarefas são aí distribuídas pelas crian-

ças, em conformidade com a sua faixa etária, desempenho esse que contribui pedagogicamente para a sua formação.

E também sabemos que o Pão e tudo o mais que é preciso para criar tantos meninos nunca faltaram pois o carinho e a generosidade do povo português para com essa Casa assim o possibilitam.

E a devoção, a entrega de todos os seus padres a esses meninos é total.

São verdadeiros pais, grandes educadores, ho-

mens excepcionais que se dão por inteiro à causa nobre de fazer de cada menino desprotegido um homem honrado.

Trata-se de uma Casa, de uma Família, não de uma Instituição fria onde os funcionários desempenham mecanicamente o papel de recolher crianças sem família.

Merece e tem todo o respeito do Povo português.

Madalena»

• «*(...) Quero também exprimir a minha inteira solidariedade para com a vossa Obra e todo o meu repúdio pela campanha 'pedofilesca' de que foram*

vítimas recentemente. Não há direito e é revoltante que se 'meta tudo no mesmo saco', como alguém acertadamente afirmou.

Que Deus vos dê muita coragem para continuarem a vossa missão tão belamente iniciada pelo Padre

Américo e que têm sabido alargá-la até África.

Assinante 29705»

• «*Um Santo Natal para todos de Bem da Casa do Gaiato. 'A luz vencerá as trevas'.*

Assinante 58729»

CORRESPONDÊNCIA DE FAMÍLIA

O jornalismo comercial fere

TAMBÉM faço minhas crónicas e nelas tento expressar os meus sentimentos com dignidade e respeito, sem opinar consciências ferozes que podem ofender o meu semelhante, mesmo que não tenha dúvidas sobre a culpa cometida. Não somos juízes.

Reagi às notícias transmitidas pelos canais de televisão com desprezo, pois se querem ter lucros e grandes audiências só o têm que fazer com dignidade e respeito pela criança que apenas que um «colinho» que os seus pais, sociedade e respectivas famílias não tiveram oportunidade de lhes oferecer.

Poderia usar outro cabeçalho, ou mencionar a notícia tal como ela foi transmitida. Não o faço porque ela foi tendenciosa e ofendeu a dignidade de todos os filhos de Pai Américo. Eu fui ofendido, sinto-me indignado e sofro com o estremecimento de todos os Gaiatos que neste momento vivem ou viveram sobre a Capa de Pai Américo.

Não vou desculpar-me perante os «profissionais» desta imprensa que ofenderam e difamaram a grande Obra da Rua, Pai Américo, a minha família, minha filha e todos quantos me rodeiam com carinho. Também sou um profissional da Função Pública e, por obrigação, sou obrigado a guardar sigilo profissional porque só os tribunais têm, por código, a obrigação de julgar.

Não foi fácil ouvir no meu local de trabalho e nos locais que frequento: «este também esteve na Casa do Gaiato». Está a ser difícil para mim explicar o funcionamento da Doutrina de Pai Américo, da Obra da Rua, mas apetece-me ofender e ferir todos os «profissionais» que usaram o termo

«pedofilia» para chegar a uma Obra que com todo o carinho mata a fome de milhares de crianças de Portugal e África, milhares de populações deslocadas e vítimas da guerra.

É falso que os rapazes das Casas do Gaiato sofrem maus tratos, são castigados sem tomar as refeições ou que existem desumanidades sexuais.

Tive o prazer de ser «chefe maior» e chefe do Lar, onde os rapazes vão estudar e trabalhar após a escolaridade obrigatória.

Quando algum dos rapazes contraria as normas existentes nas Casas do Gaiato são castigados, sim, como em qualquer família; num «tribunal familiar», onde todos os rapazes estão presentes, tudo isto para se descobrir a verdade do delito que cometem. Ninguém espanca ninguém, nem os rapazes deixam de tomar a sua refeição; são chamados à atenção, podem comer de pé, no refeitório, para que toda a comunidade compreenda o ardor do erro; e quando o abuso é mais grave, aqui, o castigo passa na tarefa de lavar a loiça na hora de recreio. Se isto é maltratar uma criança ensinam-me, a mim, a educar uma criança que vem da rua habituada a roubar e a pedir algo para encher o estômago. Conheçam estas normas antes de acusarem e pressionarem a educação destas crianças que apenas querem um futuro.

Os canais de televisão e outros «profissionais» de jornalismo ofenderam e estão a ofender a nossa dignidade porque necessitam de ganhar dinheiro à custa da mentira e da violação das crianças. Sou um antigo Gaiato com 52 anos de idade, e sinto-me ofendido e indignado com todas as ofensas de

«profissionais» que não souberam respeitar a dignidade da família que também é minha.

Para clarificar estes «senhores» só tenho que informar que fui educado numa Casa do Gaiato desde os onze aos vinte e um anos e só saí porque entendi que o devia fazer, por já ter um curso e por sentir que deveria dar lugar a outra criança necessitada.

A Obra da Rua não manda ninguém embora do seu domicílio porque esta é a sua família, mas as portas estão sempre abertas para que cada um siga, por vontade própria, a vida que julga ser a mais correcta para o seu próprio futuro. As Casas do Gaiato não são uma prisão, são uma família muito grande que abriga, educa e nos trata com dignidade.

Esta é a frieza de uma crónica que me feriu, que minha família se sente indignada e que só por conhecer bem a Obra da Rua compreende, guardando um silêncio profundo para que eu sofra esta infâmia com a dignidade de um verdadeiro Gaiato.

É a primeira crónica que elabora com frieza e indignação; nunca irei aceitar uma entrevista de «pequenos profissionais». Aceito, sim, com todo o coração, ser entrevistado por verdadeiros profissionais, dignos e responsáveis, que sabem respeitar o amor e a dignidade da criança; sem comércio ou ferimentos injustos.

As Casas do Gaiato são uma família digna, que tem as suas portas abertas para todos os Pobres, vivendo do seu trabalho e dos seus benfeitores e, mesmo que o trabalho indigno e repugnante destes «profissionais» da «informação comercial» que ajuizaram antecipadamente sem a decência e respeito pelas centenas de crianças, vai continuar a ser a Porta Aberta que Pai Américo sempre quis que fosse.

Encaminho estes «profissionais» a dar uma vista de olhos aos livros de Pai Américo. Eu ofereço o conjunto da sua obra para que ela seja confiada aos seus próprios filhos e familiares para assim poderem repugnar a frieza da manobra que indignou todos os Gaiatos e outras famílias.

Aceitem a angústia desta minha dor, respeitem o meu querer no amor da criança abandonada, de que também fui vítima. Por obrigação, deixem estes assuntos serem tratados nos locais próprios e não ofendam a criança que também vê televisão e sabe ler os jornais. Os «senhores» têm filhos?... Não parece!...

Manuel Fernandes

e a desenvolver um trabalho que não é visível, mas essencial. Achemos que: «se a Associação provar que não consegue estabelecer contacto com os Antigos Gaiatos, se provar que não consegue uni-los num mesmo objectivo — frustra, por isso mesmo, o principal fim para que foi criada e torna vão todo o esforço de quantos trabalharam, e trabalham, para a sua constituição» (proposta do artigo 8, do Regulamento Interno). «A Associação deve elaborar um serviço de contactos o mais actualizado e perfeito possível com todos os Antigos Gaiatos espalhados pelo mundo» (proposta do artigo 2.º, parágrafo único, dos Estatutos). «Os sócios devem comunicar por escrito qualquer mudança de residência e/ou outros contactos que acharem pertinentes» (proposta do artigo 8.º, parágrafo 1, alínea d, dos Estatutos).

Está nas nossas mãos fazer (como dever)

«... valer as qualidades nobres da nossa Associação...» (proposta do artigo 6, do Regulamento Interno), se houver boa vontade, dinamismo no agir e espírito associativo, até onde poderemos ir?

Seja cada sócio um elemento activo e actuante na vida associativa, na vida quotidiana!

Porque em tempo útil não tivemos oportunidade de o fazer (pelas razões que conheces e acima expomos, o nosso ficheiro, e têm sido pouquíssimas as respostas ao nosso apelo lançado n' O GAIATO), desejamos a todos os Associados, Associações de Antigos Gaiatos e Amigos da Obra da Rua votos de um 2003 próspero e com muita saúde.

José António T. Pires

DOCTRINA

Palestra aos microfones da Rádio Renascença — Porto



ELES vão ao Porto vender o nosso Jornal O GAIATO e são disputados por famílias da cidade que os querem ter à sua mesa para almoçar. O Zé Eduardo, um dos vendedores que come na Avenida Rodrigues de Freitas, informa que no final da refeição brinca no terraço da casa com um menino da família. Outros contam de como os senhores se sentam ao pé deles a observar e a instar que comam mais. E costumam trazer cartões de novas famílias, a convidar para o domingo seguinte. Partiu-se o véu do templo; os velhos ritos acabaram! Redime-se por amor!

JÁ temos uma luz acesa no Céu. O nosso Manuel Delfim morreu-nos, há dias, de morte dolorosa e preciosa. Foi um holocausto. Durante doze dias de vinte e quatro horas, ardeu a vítima no altar. Tinha nove anos de idade. Viera do entulho do Aljube. O seu funeral foi um hino de reparação à miséria da entulheira humana. Cerca de tresentos homens de Paço de Sousa protestaram contra a vala comum, com sua presença de piedade e de silêncio. Os sinos do mosteiro dobraram. A Igreja estava, na pessoa do pároco. *Accersitus ab angelis, etipáfio das catacumbas. Buscado pelos anjos. Levantá-los na vida, levantá-los na morte. Dignificar a natureza humana, aquela mesmo que Cristo Jesus maravilhosamente reformou.*

EU acredito nas possibilidades espirituais da fauna das ruas que imerecidamente sofre a fome lenta e o abandono dos responsáveis. Eu desejo levantá-la à altura que lhe compete, dar-lhe o bem a que aspire e sentá-la à mesa com talher completo, senão igual ao dos teus filhos, nem isso conviria, talher suficiente e adequado à sua categoria social.

PARA tanto esqueci-me dos meus interesses. Para tanto perdi a minha vida. Para tanto venho hoje a este mirante rogar que faças tua esta empresa — e me ajudes. As Casas do Gaiato servem este propósito. A de Miranda do Corvo já tem quatro anos de vida. A de Paço de Sousa nasceu o ano passado e tem o mesmo ideal.

FAZ-TE hoje assinante do nosso quinzenal O GAIATO; é uma forma prática e fácil de auxiliar a Obra. Envia para o 54 da Rua dos Clérigos (Porto) aquilo que for mais do teu agrado, como dinheiro, roupas, calçado, pois que sendo do teu, também é do nosso. Deposita no Banco Espírito Santo, do Porto, de Lisboa ou de Coimbra, onde a Casa do Gaiato tem conta aberta.

COMUNICA hoje, neste momento e por telefone, o que me vais dar, para eu saber que as minhas palavras caíram em bom terreno. Em homenagem aos mortos, para benefício dos vivos, marca a tua presença com arrependimento.

D. Amín. 5.!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)



Momento da Festa dos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela.

BENGUELA

Ano de Paz

ESTOU a escrever na véspera do fim do ano 2002. Começo pelo dia de ontem, em que fui convidado para uma Festa. Porque era festa grande, não tive coragem de resistir. O lugar foi um dos bairros pobres, entre Benguela e Lobito. A escola do primeiro e segundo níveis serviu de palco. Os actores principais do espectáculo foram algumas dezenas de mulheres e homens que terminaram o ano lectivo das aulas de alfabetização. O «conjunto musical» era formado pelo grupo de monitores. A regência e a dinamização desta actividade festiva estava ao cuidado da ONG «Leigos para o Desenvolvimento» nas pessoas de três jovens, já muito maduros: a Maria, a Helena e o Pedro, que puseram todo o saber e, sobretudo, o seu coração, ao serviço da promoção da dignidade da pessoa humana. Que maravilha!

Quando ajudamos os outros, a humanidade que levamos em nós mesmos dignifica-se também e eleva-se. Se tu presenciasses a alegria estampada no rosto e nos corpos a dançar, em atitude de gratidão pelo bem recebido no Certificado de aproveitamento escolar, baterias palmas e também dançarias. E se visses algumas das mães com um bebé ao colo e outro pela mão, de braços estendidos, a receber o papel?! Os filhos irão para a escola, quando forem crescidos. As mães acompanhá-los-ão, porque o bem que receberam, agora, vai render mais «lavra» dos seus filhos. É a sociedade angolana a transformar-se pela força do dinamismo dos seus membros, apoiado e estimulado pela ajuda de quem tem mais para dar. A sementeira da Maria, da Helena e do Pedro já deu os seus frutos, e frutos que permanecem para o futuro. A que pode comparar-se a riqueza da juventude quando se faz serviço aos outros? É

a nascente do rio que invade as terras secas e as transforma em oásis. Que pena a Maria ir-se embora! As saudades que deixa são muitas. Outras e outros virão, com certeza, para continuar o trabalho juntamente com os que ficam. Angola necessita destes obreiros.

Em nossa Casa também saboreámos os frutos da sementeira da alfabetização. De entre as dezenas de mães que ainda estão ligadas ao campo e outros serviços, um pequenino grupo fez o exame da quarta-classe. É um trabalho «escondido», à sombra das árvores que rodeiam o nosso depósito de água. É um projecto pequenino, à medida das pessoas para quem ele é e à nossa medida também. Os professores são pagos por nós, ou melhor, por vós que nos estendeis a mão, que passa por cima do Oceano, e com ela fazemos um cordão de vida.

Outro momento lindo foi a festa dos setenta mais pequeninos. Não lhes faltou nada do que é necessário para estar contentes. Sei que nos acompanhais nas horas de alegria e de esperança, como nas horas de tristeza. Por isso, partilhamos convosco o que nos vai no coração.

Quando estas notas chegarem às vossas mãos já o novo ano começou. Iniciámo-lo com muita esperança. Primeiro que tudo está a paz. Quem dera haja Paz. Muita Paz. Ela é o centro. Os primeiros rapazes da última geração vão entrar no mundo do trabalho, fora da nossa Casa. Vão e vêm como os filhos crescidos, mas ainda não independentes. Outros estão à porta para entrar. eles são a causa das nossas grandes alegrias e dores também. Já comeci a pôr as mãos na cabeça por causa dos muitos pedidos de entrada na nossa Casa, neste próprio ano. Queremos abrir as portas, manter e educar no amor de família as crian-

ças sem família. Aquelas que não têm no mundo quem se interesse por elas. Não importa que venham sujas, malcriadas, repelentes. São os filhos da Casa do Gaiato. Somos para elas, em primeiro lugar. Porque pensamos, às vezes, que somos uma Obra perfeita, onde há um problema com um filho, logo batem à porta, como se tivéssemos o remédio adequado. Ora não é assim. Nem somos Obra perfeita, que as não há, nem tão pouco temos solução para os problemas das crianças que têm família ou faça as vezes de família.

Que o novo ano seja de Paz para todos!

Padre Manuel António

SETÚBAL

O Menino nas mãos de outro menino

FOI a coisa mais bonita deste Natal...

Um dos nossos rapazes, abeirou-se do grande e lindo Presépio; pegou com ambas as mãos a figura do Menino, recostado na cama de palhinhas, e ficou parado, a admirar...

Ao invés da Páscoa, em que domina a fé já madura perante o Mistério que se celebra, no Natal dá-se como que o despertar para a mesma fé, com a ajuda dos sinais visíveis. No Natal, como que o espírito do homem desperta para o transcendente; é o Natal de Jesus que dá início ao reencontro do homem com Deus.

Muitas vezes este reencontro fica adiado...

Com toda a ternura e sinceridade, coloca-se de novo a figura do Menino nas palhinhas; espera-se que decorram os trinta anos do Seu crescimento; com o início da vida pública, dá-se de novo o recomeço para o reencontro.

Foi entretanto um mundo de experiências e de caminhos que se percorreram, que não conduziram a qualquer saída definitiva; única de vida eterna possível, só n'Aquele Menino que em criança pegámos e acariciámos em nossas mãos inocentes; que olhámos e contemplámos como Aquele que haveria de dar sentido a todos os acontecimentos, tornando-se Ele mesmo o

acontecimento central da história humana.

Agora que já celebrámos o Seu Natal, Ele diz-nos que há outros natais para celebrar; que há muitos outros meninos para pegar ao colo e acariciar com enlevo. Talvez não tão doces nem trazendo consigo tantas promessas de paz e alegria, mas portadores da recompensa que o Menino-Deus nos veio trazer no Seu Natal — o cêntuplo pelos gestos de amor.

Por isso o Natal nunca

será uma experiência de egoísmo. Nos últimos dias do ano de 2002, as notícias do mundo falaram-nos de um natal resultante de clonagem científica. Quando há milhares de crianças sem pai nem mãe e morrendo sem pão, o egoísmo humano atinge a sua expressão máxima — criar outro ego em que se poderá duplicar a auto-satisfação.

A coisa mais bonita deste Natal, foi o Menino nas mãos de outro menino.

Padre Júlio

Malanje

Continuação da página 1

Contentor

SÃO de Pai Américo estas palavras: «Escolho a missão dolorosa de mendigar para os sem ninguém. Quando souberes que a trombeta vai dar sinal, não fujas; é um amigo.»

Estou a preparar um contentor para Malanje. É a trombeta a dar o sinal.

Vai levar conservas, leite e chapas de zinco. Seu custo no transporte até Malanje é elevado.

Os «sem ninguém» são os nossos duzentos rapazes e as aldeias de refugiados que nos circundam.

«Não fujas; é um amigo», não vás ao restaurante num Domingo; dá menos um passeio e será uma chapa, serão uns quilos de leite ou uma ajuda aos custos do contentor.

O Senhor que vê no escuro, te dará a recompensa.

Padre Telmo

Santíssimo Nome de Jesus

O Natal é Festa da Humanidade. E com fundamento. É que a assunção da natureza humana pelo Eterno Filho de Deus é sacramento; isto é: significa e realiza a Recriação do Homem.

A Criação é o princípio do Tempo. E «no princípio era o Verbo por Quem tudo foi criado». Ao Homem foi dada uma natureza imagem viva do Criador — livre, portanto; e um destino — o senhorio de todas as criaturas. O uso correcto da Liberdade, manifestação primeira do Homem senhor de si, seria a confirmação deste senhorio. O abuso dela, a causa da perda dele. Aquela Harmonia cósmica revelada em Isaías, tal que o leão e o cordeiro conviveriam pacificamente, e a criança poderia brincar com a serpente sem que lhe acontecesse qualquer mal — essa perdeu-a o Homem quando caiu na tentação de «ser como Deus» e se tornou criador, sim, mas da desarmonia universal.

O voltar das costas a Deus pelo Homem não torna Deus inimigo do Homem. Obra das Suas mãos, imagem d'Ele, o Sumo Bem, o Onipotente só não podia abandoná-lo. Por isso ao longo do tempo, lhe conservou no seu íntimo uma nostalgia do destino que teve ao seu alcance; e foi alimentando nele a esperança de O reencontrar. Só que este encontro não dispensa o homem de uma procura. E agora, ele

tem de assumir um protagonismo proporcionado ao que se arrogou e sempre se arroga quando usa mal da Liberdade. Deus não o fez *robot*; fê-lo actor para todo o decorrer do Seu Plano; e não o dispensa de uma vontade transcendente necessária à reconquista do Paraíso perdido. Mas, porque na Humanidade decaída ninguém é capaz desta vontade, Deus assinala a Plenitude do Tempo fazendo nascer «na justiça e santidade verdadeiras» o Homem Novo, o novo Adão — Jesus Cristo, Seu «Verbo Eterno, que era no princípio» e que agora reprincipia o Tempo, «os últimos tempos».

O ofício de hoje, Festa da Sagrada Família, começa e termina justamente sublinhando a Humanidade de Jesus: descendente de «Jacob que gerou José, Esposo de Maria que O deu à luz»; o Qual «crescia em sabedoria e idade e graça, diante de Deus e diante dos homens» — «maravilhando os Pais pelo que viam e ouviam dizer d'Ele» e «os olhos de quantos *viram* a Salvação preparada por Deus para todos os homens».

Deus nunca deixou de perseguir amorosamente o Homem, mesmo o que Lhe vira as costas. «Outrora falou-nos de muitos modos, pelos Patriarcas e Profetas». Nos «últimos tempos»,

que são o agora de todos os homens desde o primeiro Natal de Jesus Cristo até ao fim do Tempo, está Ele provocando o olhar de cada homem para que «vendo-O, vejam o Pai» e O procurem e preparem o reencontro que recria o Homem.

Jesus é o Dom supremo, definitivo, de Deus. Infinito que Ele é, não tem mais que dar. Deu-nos, em Seu Filho, um Homem, um Irmão, para que, por Ele, com Ele, n'Ele, nos possamos tornar capazes da vontade transcendente de reconquistar o Paraíso perdido, a começar, aqui e agora, na restauração da Harmonia cósmica revelada por Isaías exactamente como profecia do futuro.

A Plenitude do Tempo, abriu ao Homem um horizonte tamanho de dignidade que o faz cantar «a felicidade da culpa que foi ocasião de um tal Redentor», de uma tal Redenção, impossível sem Ele, mas que nos compromete também como actores dela. Oh!, delicadeza do amor de Deus!...

Pai Américo bem o sabia: que «sob os céus não foi dado ao Homem outro Nome em que haja Salvação». Por isso fundou a sua Obra sobre a pedra angular que é o Santíssimo Nome de Jesus. É em Seu Nome que somos e agimos. Por isso Natal é tempo do nosso nascimento místico.

Padre Carlos